

Uma fantasia floral de 1914,
dois anos antes da morte de Redon

WILLIAM A. H. BIRNIE

*Liberto dos demônios ocultos que o
oprimiam, êste artista francês acabou deixando
uma herança de extraordinária beleza*

O Jardim Imortal de Monsieur Redon

COLEÇÃO SR. E SRA. F. WILLIAM CARR



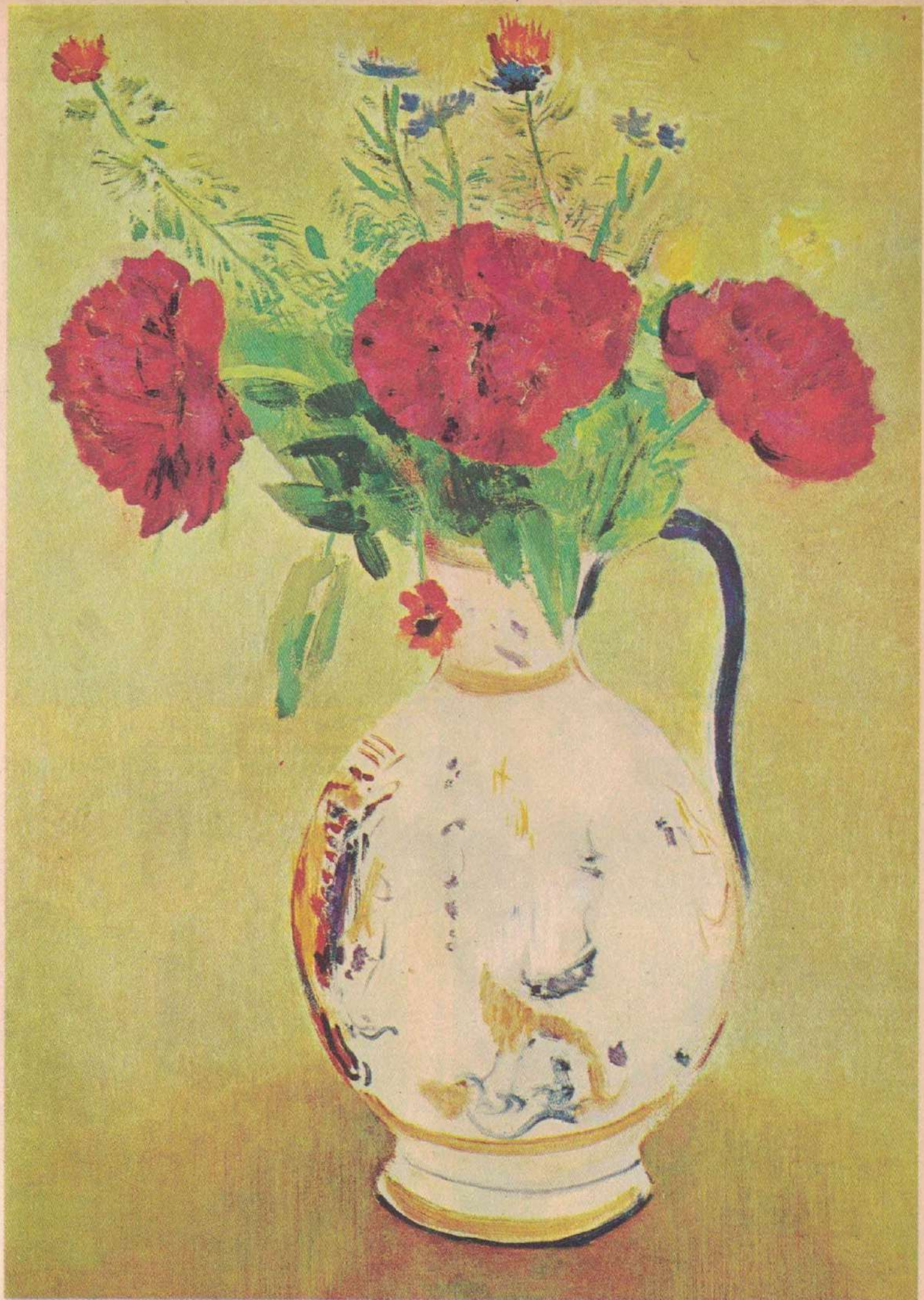
"Anêmonas", pintadas a pastel vivo cêrca de 1906

CONTA-SE que, tendo sido uma vez perguntado a um botânico francês quais as flôres do mundo que considerava as mais belas, êle respondeu, sem hesitar: «Primeiro, as do Bom

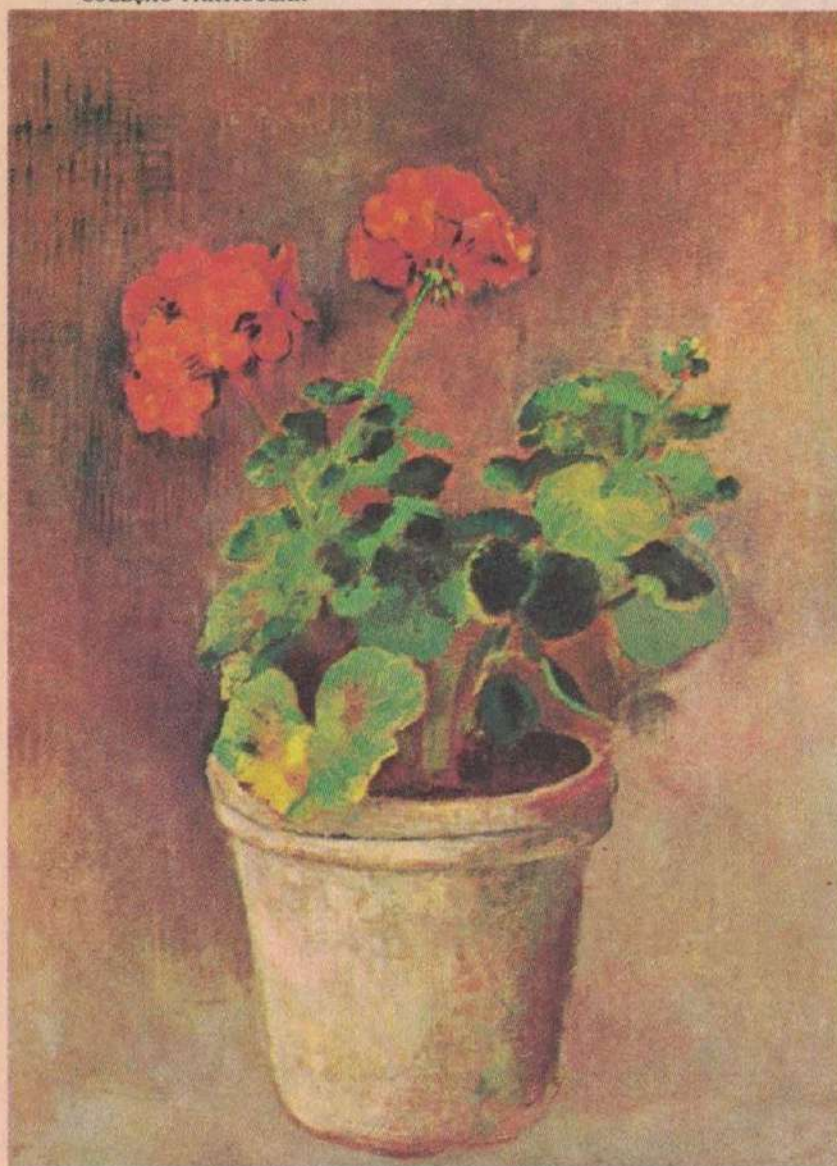
Deus—logo a seguir, as de Redon.»

Será que o leitor discorda depois de examinar as flôres que aparecem nestas páginas? Tôdas elas são obra da segunda escolha do botânico, isto é, foram pintadas por Odilon

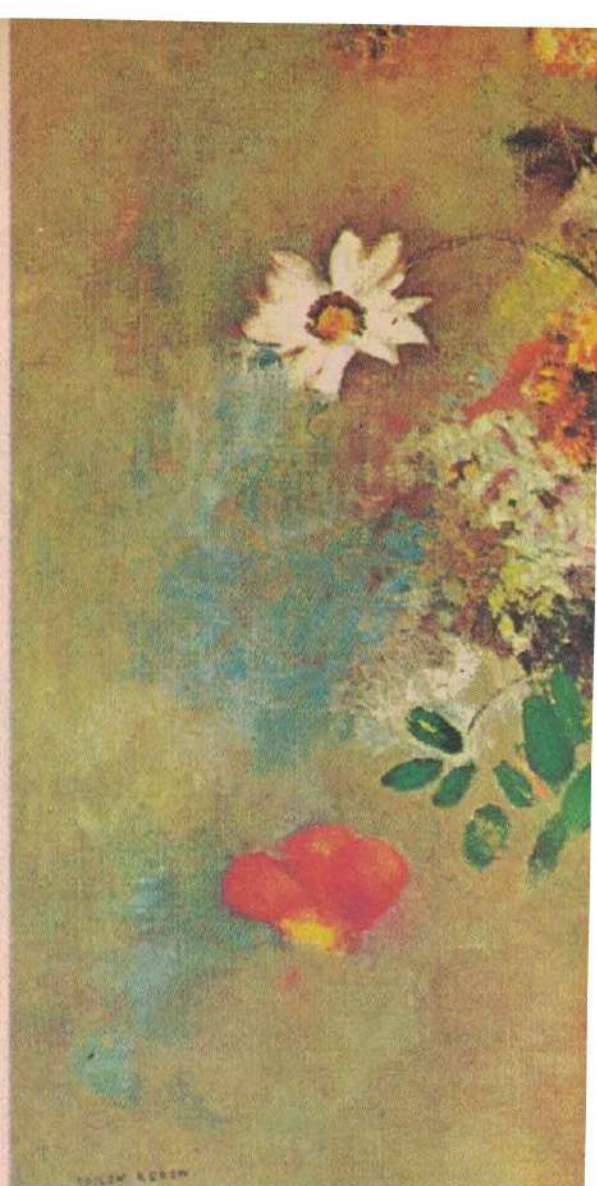
FOTOS E LEGENDAS COMPILADAS COM AJUDA DA ACQUARELLA GALLERIES, INC.



COLEÇÃO PARTICULAR



"Vaso de Gerânios" (cêrca de 1910) — A interpretação vibrante de Redon vai muito além de uma simples natureza-morta



Em "Flôres" (1903), o arranjo artisticamente descuidado de Redon transforma-se num padrão imaginativo de côres lavadas de luz

"Anêmonas e Papoulas num Vaso" (1914). O pintor vivia então num subúrbio de Paris e usava como modelos as flôres que cultivava no seu jardim

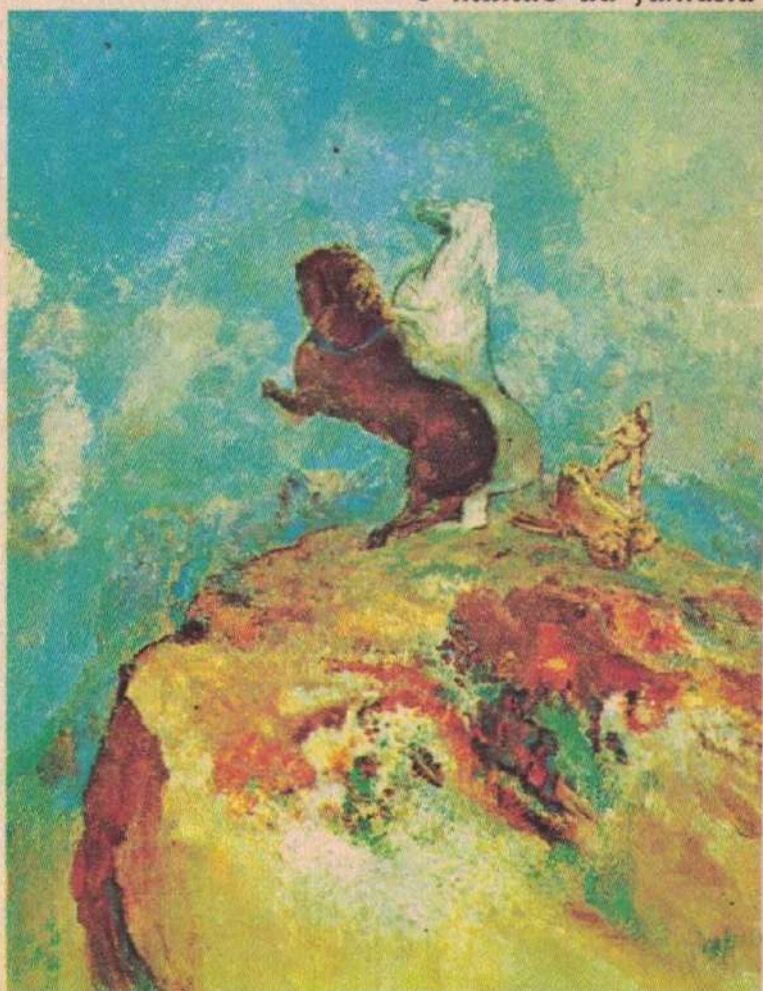


COLEÇÃO SRA. ALBERT D. LASKE

"Apollo" (cêrca de 1904). Mesmo no período áureo das flôres, o artista nunca esqueceu totalmente o mundo da fantasia



GALERIA DE ARTE DA UNIVERSIDADE DE YALE. COLEÇÃO PHILIP L. GOODWIN



Redon já na fase final da sua carreira. Acredite ou não, o artista tinha-se especializado anteriormente em várias espécies de duendes satânicos, demônios e monstros gigantes.

A razão por que Redon abandonou

Aí viveu rodeado de pântanos, jardins abandonados, muros de pedra em ruínas e árvores seculares, enquanto no alto as nuvens cinzentas tocadas pelo vento se transformavam, na sua imaginação, em terríveis gárgulas góticas.

Desde muito jovem, Redon mostrou interesse pela arte, e seus pais, decidindo aproveitar esse interesse, deixaram-no estudar em Bordéus com um artista local. Depois, encorajaram-no a tentar a arquitetura na Escola de Belas-Artes em Paris (foi uma tentativa que fracassou) e finalmente matricularam-no para estudar com o pintor



Jardineiros amadores terão dificuldade em identificar esses espécimes abstratos em "Gerânios", de 1910

a arte negra e macabra e começou a criar estas pinturas alegres permanece até hoje um mistério inexplicável de temperamento artístico. Foi como se Rembrandt tivesse repentinamente renunciado aos seus retratos de côres sombrias e se voltasse para paisagens banhadas de sol.

Mas a história da vida de Redon fornece-nos uma pista. Nasceu em Bordéus, França, em 20 de abril de 1840. Sempre longe dos pais, foi educado por um velho tio num solar do século XVI, numa propriedade rural isolada que pertencia à família, Peyrelebadé, não longe de Bordéus.

acadêmico Léon Gérôme. Redon não se deu bem com Gérôme e regressou a Bordéus, onde um artista boêmio, Rodolphe Bresdin, lhe ensinou a arte da gravura. Horas a fio, Redon lia simbolistas lúgubres como Baudelaire e Edgar Allan Poe. E, enquanto seus contemporâneos, os impressionistas Monet e Renoir, adotavam o ar fresco e leve e a luz do sol, ele escolhia o simbolismo sórdido e sombrio, fazendo gravuras e desenhos escuros, preferindo as tintas pretas dos litógrafos.

Redon era profundamente patriota e, que nos lembremos, é o único ar-

tista que realmente gostou de participar na guerra. Recrutado para o Exército francês durante a Guerra Franco-Prussiana de 1870-71, achou divertidos os seus rigores, servindo com distinção até que uma febre renitente o forçou a dar baixa.

Uma certa fama, à medida que os anos passavam, veio lentamente ao seu encontro. Críticos e colegas começaram a render tributo ao artista solitário, que não tinha predecessores nem imitadores na sua arte. Mas a sensação de agouro que se refletia nas obras de Redon começou a penetrar na sua própria vida. Ele e a mulher tinham desejado muito um filho; o primeiro morreu com poucos meses, tragédia só levemente mitigada pelo nascimento de um segundo filho, três anos mais tarde. Um dos melhores amigos do pintor morreu afogado diante dos seus próprios olhos, quando passeavam de barco no Sena. Depois de um litígio familiar, moroso e amargo, Peyrelebade, a fonte de inspiração de tôdas as fantasias góticas de Redon, perdeu-se definitivamente para ele em 1897. A sua situação financeira tornou-se precária. Viu-se obrigado a escrever à mãe, aconselhando-a a recorrer aos irmãos mais ricos, que ele não podia dispensar-lhe nem um centavo. (Por ironia, um quadro de flôres de Redon foi vendido em Londres, em outubro de 1970, por 172.800 dólares — mais do que o artista ganhou em tôda a sua vida.)

Tendo afetado profundamente Redon, a perda de Peyrelebade representou também uma catarse. «Foi»,

escreveu mais tarde seu filho Ari, «uma espécie de libertação: a ruptura com todo um passado de pesar e ansiedade, o fim de um feitiço. Nesse momento, recuperada a liberdade, abriram-se-lhe de par em par as portas para a vida e para a luz.»

O sentido da côr, reprimido durante tanto tempo, brotou gloriosamente de Redon — especialmente nas pinturas de flôres, como o mundo nunca tinha conhecido. «Elas são», escreveu recentemente o historiador de arte Klaus Berger, «evoções de uma beleza surpreendente, muito superiores a uma execução realista. Deixam de ser objetos vulgares, para terem um encanto mágico. Vêmo-las como se nunca tivéssemos reparado nelas, revelando-se-nos na essência como côr, forma, ordem, como seres vivos.»

A escuridão sempre impregnara o *atelier* de Redon. «Agora», escreveu seu filho, «as paredes do estúdio estão cobertas de pinturas a pastel e telas de flôres; a grande sala branca transformou-se numa estufa com vegetação luxuriante.»

O aplauso final veio em 1913, na famosa exposição na Armory de Nova York, apenas três anos antes da sua morte. Com a elite artística dos séculos XIX e XX — Matisse, Van Gogh, Gauguin, Cézanne — aí representada, devotou-se mais espaço aos trabalhos de Redon (incluindo os quadros de flôres) do que a qualquer outro pintor. Com essas pinturas, como as destas páginas, ele legou-nos um jardim que jamais murchará.